

Dança, çaxixi e tawari. É o Turé, festa mística dos Karipuna

No extremo norte do Brasil, no município de Oiapoque, no Amapá — fronteira com a Guiana Francesa — vivem os **Karipuna**.

Espalhados em três aldeias, na margem do rio Curipi — Espírito Santo, Manga e Santa Isabel — somam aproximadamente 750 pessoas. Falam o dialeto *patuá*, também chamado *Khreoll*, que lembra um pouco o francês. Possuem suas terras demarcadas e mantêm intercâmbio comercial com Caiena, capital da Guiana.

Os **Karipuna** são receptivos, alegres e discretos. Guardam seus costumes, embora tenham assimilado muitas posturas dos brancos, tanto os do Brasil quanto os da colônia francesa. A festa do *Turé*, que os **Karipuna** fazem sempre na aldeia do Espírito Santo — onde mais se mantêm os costumes e tradições — acontece entre setembro e novembro, época de maior atividade agrícola. PORANTIM descreve essa festa, a partir dos relatos de Francisca Rocha Picanço* e Cássia Regina dos Santos, voluntárias do Cimi que trabalham junto àquele povo.

O *Turé* é a única festa mística do povo **Karipuna**. É o pajé quem organiza a festa, convida todo o povo e escolhe uma noite de lua cheia.

Uns dias antes da festa, começam os preparativos. Os homens vão para a mata cortar madeira para preparar os bancos. Os bancos são talhados no formato de animais e são pintados. As mulheres preparam a bebida: *caxixi*.

O pajé e seus ajudantes preparam o terreno, cercam e efetam o local. No meio do terreno levanta-se um mastro.

No dia da festa, ao entardecer, o povo já está todo no terreiro. Todos estão enfeitados com colares, *currun* (adorno de cabeça) e *butic* (colar das costas).

O pajé senta no seu banco que

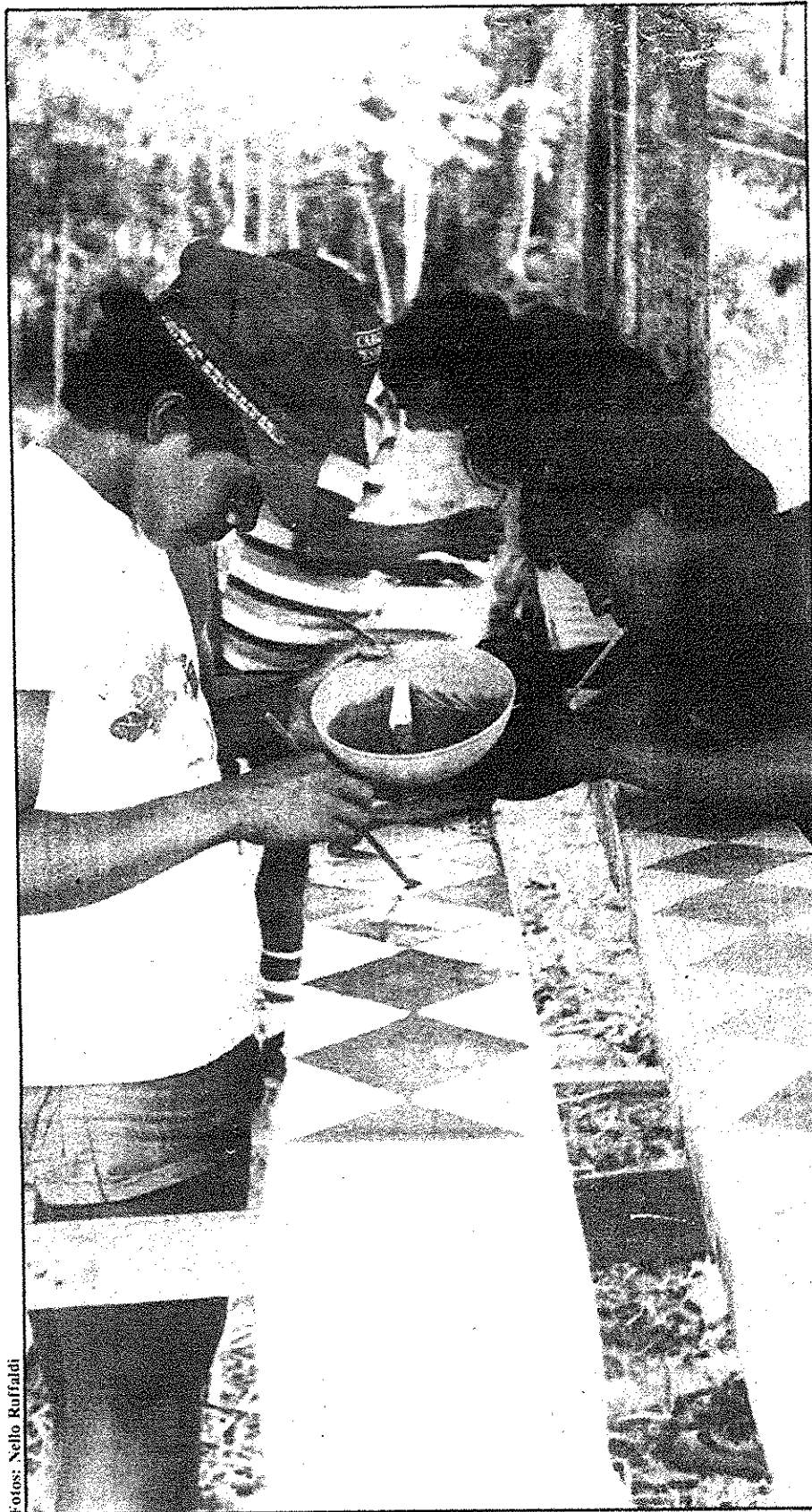
fica no centro do *laku* (terreiro), e começa a cantar. Depois, eles e os homens vão atrás até formarem uma roda em volta do mastro. Aí chega a hora das mulheres, que vão se colocando ao lado de seus pares, abraçando-os. O pajé permanece cantando e o povo acompanha suas canções. Os homens tocam flautas, feitas com um bambu chamado *turé*, que dá o nome à festa.

O pajé repete várias vezes a mesma canção; depois, o pessoal descansa. O pajé senta em seu banco e uma moça vem trazer *caxixi*. As moças são responsáveis pela distribuição da bebida. Quem quiser tomar o *caxixi*, tem de sentar no banco e esperar as moças servirem. Depois de cada rodada, um passo diferente é dançado — é o *kuti*. Todos, de mãos dadas, formando uma grande roda, aguardam os homens, que gritam para marcar o compasso. A roda vai girando e as pessoas levantando os braços alternadamente, no ritmo da música. O pajé grita, dizendo os passos que devem ser dados. O pajé é sempre acompanhado dos *jadaime* (guardas), que tomam conta para que ninguém saia fora das regras. São diversos regulamentos, como não dançar de chinelos, não pular os bancos etc.

O pajé faz a dança para agradar os espíritos de *bichos* (animais) e seus cantos são todos sobre esses bichos. A cada rodada, o pajé canta para um animal.

Durante a festa, todos fumam o *tawari*, um cigarro cujo envoltório é feito com a casca de uma árvore, e que é especialmente apreciado pelos mais velhos.

* Quem quiser saber mais sobre os índios do Amapá, pode escrever para a Francisca: Caixa Postal 1454, CEP 66000 - Belém-PA.

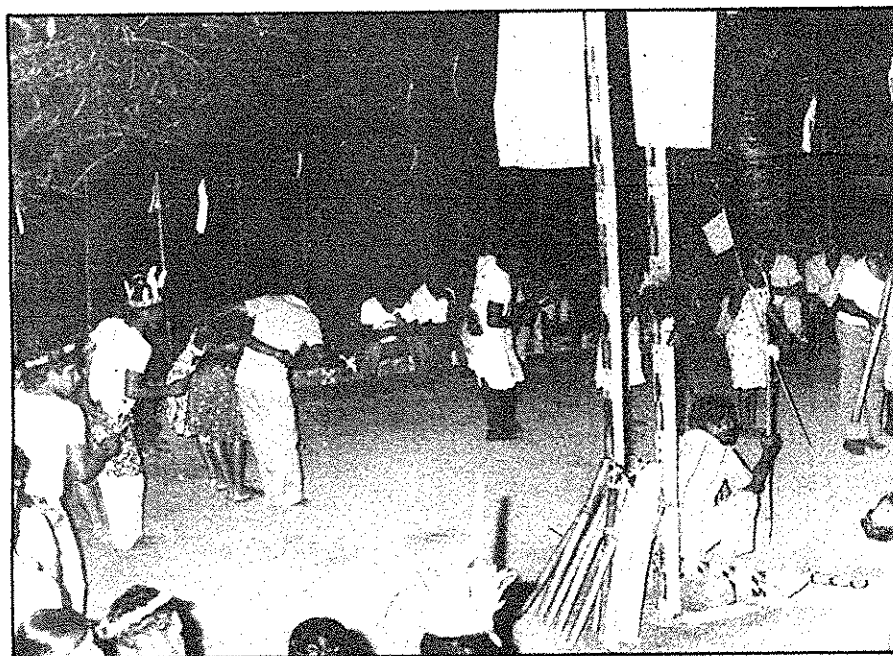


Fotos: Nello Ruffaldi

Um dia antes da festa, os bancos, que serão colocados ao redor do pátio da dança, são cortados, talhados e pintados.



Esposa do pajé é encarregada de passar um preparado nas pernas dos festeiros



O terreno é preparado, o local cercado e enfeitado. E, à noite, sempre de lua cheia, começa a festa que só terminará no dia seguinte.